

# ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E ÉTICA: REFLEXÕES NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ\*

**Resumo:** A investigação teve como mote a epígrafe do romance *O Homem Duplicado* (2002) de José Saramago: «O caos é uma ordem por decifrar» (Saramago 2002, p. 103). Saramago intui que sempre há uma ordem/organização em tudo. A questão que a norteia é: é perceptível a Organização do Conhecimento em romances de Saramago? O objetivo da pesquisa é investigar a obra de José Saramago de forma a avaliar a presença de Organização do Conhecimento. A pesquisa depreende que a obra literária de José Saramago está impregnada de uma ética de responsabilidade e de respeito a ser praticada pelos seres humanos. A investigação conclui que a referida obra está repleta de textos que fazem uso e explicitam a Organização do Conhecimento, assim como de evidências de ética e de ética na Organização do Conhecimento.

**Palavras-chave:** Organização do Conhecimento; Ética; José Saramago.

**Abstract:** The research was based on the epigraph of the romance *O Homem Duplicado* (2002) by José Saramago: «Chaos is an order to be deciphered» (Saramago 2002, p. 103). Saramago intuitively that there is always an order/organization in everything. The question that guides it is: is the Organization of Knowledge perceptible in Saramago's romances? The objective of the research is to investigate the work of José Saramago in order to evaluate the presence of the Organization of Knowledge. The research concludes that the literary work of José Saramago is imbued with an ethic of responsibility and respect to be practiced by human beings. The research concludes that the aforementioned work is full of texts that make use of and explain the Organization of Knowledge, as well as evidence of ethics and ethics in the Organization of Knowledge.

**Keywords:** Organization of Knowledge; Ethics; José Saramago.

## INTRODUÇÃO

A investigação teve como mote a epígrafe do romance *O Homem Duplicado* (2002) de José Saramago: «O caos é uma ordem por decifrar» (Saramago 2002, p. 103). Saramago intui que sempre há uma ordem/organização em tudo. A questão que a norteia é: é perceptível a Organização do Conhecimento em romances de Saramago? O objetivo da pesquisa é investigar a obra de José Saramago de forma a avaliar a presença de Organização do Conhecimento. Por outro lado, as obras literárias de José Saramago estão impregnadas de uma ética de responsabilidade e de respeito a ser praticada pelos seres humanos.

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: samariairene80@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7077-4664>.

Nas últimas décadas vislumbrou-se uma nova era que veio substituir a industrial, alavancada pela construção de estradas que transportavam os produtos. Este novo momento foi descrito como a Sociedade da Informação e se originou no momento da globalização e da acelerada disponibilização das TIC, com destaque para a Internet — a nova estrada, baseada no uso de redes de computadores com o apoio de serviços de telecomunicações. A partir de então, a informação é o produto e a estrada é a Internet (Sá 2013).

Neste contexto, a globalização, alavancada pela acelerada evolução das TIC, propicia o aumento da produtividade e o crescimento econômico, no entanto também provoca efeitos não desejados sobre a sociedade. Assim, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais.

Saramago faz uso da alegoria *A Caverna* (2000) para levar os leitores de seu romance a refletirem sobre uma nova Caverna onde tudo acontece e onde a humanidade é mantida refém. Nesse sentido, discute-se sobre a crise dos valores morais e a falta de ética.

## 1. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória e o lócus de pesquisa foram livros, especialmente alguns romances de autoria de José Saramago, de forma a identificar a presença de Organização do Conhecimento e conteúdo ético, na literatura de Saramago. Quanto à obra de Saramago, foram analisados os romances: *Ensaio sobre a Lucidez*, *Memorial do Convento*, *O Homem Duplicado*, *A Caverna*, *O Conto da Ilha Desconhecida*, *Todos os Nomes*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

## 2. ÉTICA

A constatação da falta de moral e de ética na sociedade é uma constante na obra de Saramago. Deste modo e nessa mesma perspectiva, Saramago alerta que o maior problema é o próprio ser humano. Na humanidade está o cerne de toda a maldade que assola o mundo:

*Temos na natureza muitas coisas contra as quais lutar, mas há um inimigo pior que todos os furacões e terremotos: o próprio ser humano. A natureza com todos os seus vulcões, terremotos, furacões e inundações não causou tantos mortos como a humanidade causou a si própria. Lutas de toda a ordem: guerras religiosas, guerras de interesses materiais, guerras absurdas e estúpidas, como as dinásticas* (Saramago 1995 apud Aguilera 2010, p. 154).

Portanto, a Carta dos Direitos Humanos, sempre citada e festejada, não é observada. De quem é a responsabilidade pelo não cumprimento dos direitos humanos

de cada ser humano? Saramago afirma que «O que faz falta é uma insurreição ética» (Saramago 1998 apud Aguilera 2010, p. 120). E, ergue sua voz de escritor para, em seus romances, deixar a descoberto as chagas da sociedade contemporânea. Ele denuncia os desmandos dos seres humanos, o ultraje aos direitos humanos, a falta de ética nos relacionamentos e, em suma, o fato de o ser humano não se ver no seu semelhante.

Em 2002, Saramago publica o romance *O Homem Duplicado*, cerca de dois anos após a publicação do romance *A Caverna*, que mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano. Nesse romance, não há lugar para a solidariedade e fica explícita a agressividade da humanidade num mundo em que cada vez mais se deterioram as relações entre os seres humanos. Assim, sua obra questiona o modo como socialmente se está no mundo.

Desta forma, o que Saramago quer discutir está relacionado com a ética, ou seja, a atuação do ser humano. No que diz respeito à ética, Novaes afirma que:

*Os filósofos gregos sempre subordinaram a ética às ideias de felicidade da vida presente e de soberano bem [...] Hoje a felicidade não é pensada mais nos termos da moral antiga, mas em termos de eficácia técnica, de consumo. [...] É como se houvesse um lento enfraquecimento da noção de ética e das conquistas do espírito com o avanço da técnica. Ou melhor, a moral passa a ter uma importância quase convencional* (Novaes 2007, pp. 8-9).

Neste cenário, em que a felicidade está constantemente sendo associada ao consumo, Dupas discorre sobre as diferenças entre moral e ética.

*um claro paradoxo se instala nas sociedades pós-modernas. Ao mesmo tempo que elas se libertam das amarras dos valores de referência, a demanda por ética e preceitos morais parece crescer indefinidamente. A cada momento um novo setor da vida se abre à questão do dever. Frequentemente utilizam-se os conceitos de ética e moral como próximos. Ta êthé (em grego, os costumes) e mores (em latim, hábitos) possuem, com efeito, acepções semelhantes. Ambos estão ligados à ideia de modos de agir determinados pelo uso. Mas a ética se esforça por desconstruir as regras de conduta que formam a moral, os juízos de bem e de mal que se reúnem no seio dessa última. O que designa a ética seria uma «metamoral» e não um conjunto de regras próprias de uma cultura. Ela se esforça em descer até os fundamentos ocultos da obrigação; pretende-se enunciativa de princípios ou de fundamentos últimos. Por sua dimensão mais teórica, por sua vontade de remeter à fonte, a ética mantém uma espécie de primazia em relação à moral* (Dupas 2011, p. 76).

Portanto, a ética diz respeito à reflexão sobre os atos, sobre o agir de cada ser humano com os outros seres humanos respeitando a dignidade e o valor de cada pessoa.

Neste mesmo sentido, Silva discorre sobre os conceitos de ética e moral, buscando ressaltar as diferenças:

*ética e moral confundem-se em nível semântico, mas também não tem faltado quem as ouse distinguir. E entre várias distinções possíveis, trazemos pela sua razoabilidade, uma à colação: a Ética trata/estuda o que é bom para o indivíduo e para a sociedade, tendo em vista qual a natureza dos deveres na interação pessoa e sociedade; a Moral é o conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes e valores que guiam a conduta do indivíduo dentro de seu grupo social. A Moral é normativa, enquanto a Ética é teórica, procurando explicar e justificar os costumes de uma sociedade, bem como ajudar na resolução dos seus dilemas mais comuns (Silva 2010, p. 108).*

Isa Freire insere o debate no contexto da sociedade da informação, na qual o livre fluxo da informação traz novos desafios:

*podemos considerar que no caso de uma ética para a sociedade da informação não há um manual de procedimentos a ser consultado, nem tampouco um mapa de caminho a seguir. O que, de certo modo, representa uma oportunidade histórica para a discussão e o posicionamento dos cientistas e profissionais da informação sobre formas de atuação como inteligência coletiva, no sentido de pensar e desenvolver modos e meios para inclusão digital de populações social e economicamente carentes, pari passu com ações pela cidadania e inclusão social. Como a vivência de uma ética pessoal e coletiva que considere a possibilidade de contribuir para o acesso livre à informação pelos mais diferentes grupos sociais (Freire 2010, p. 129).*

No entanto, o que se percebe é que na sociedade da informação, o conhecimento ainda está limitado a uma parcela da população, enquanto boa parte da mesma sociedade é manipulada através das mídias sociais que deviam servir para informar. Dupas alerta que:

*A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer. Paciência que tal progresso traga consigo regressões, desemprego, exclusão, pauperização, subdesenvolvimento. A distribuição de renda piora, a exclusão social aumenta, o trabalho se torna mais precário nesse mundo de poder, produção e mercadoria (Dupas 2011, p. 50).*

Assim, ele alerta que «O deslumbramento diante da novidade tecnológica e a ausência total de valores éticos que definam limites e rumos poderão estar incubando tanto novos deuses, que conduzirão a humanidade à sua redenção, como serpentes cujos venenos ameaçarão sua própria sobrevivência» (Dupas 2011, p. 103).

Neste contexto, Saramago alerta que:

*O excesso de abundância de informação pode fazer do cidadão um ser muito mais ignorante. Eu explico. Acho que as possibilidades tecnológicas para desenvolver a massificação da informação têm sido muito rápidas. No entanto, o cidadão não dispõe dos elementos e da formação adequados para saber escolher e seleccionar, o que leva a que ande perdido nessa selva. Precisamente, nesse desnível é onde se dá a instrumentalização em prejuízo do indivíduo e, portanto, a desinformação* (Saramago 2004 apud Aguilera 2010, p. 465).

E a falta de ética se manifesta!

Na discussão sobre o conceito de ética, ainda é importante verificar o verbete na *Enciclopédia Einaudi*:

*A ética como a lógica e a metafísica é um ramo da filosofia intimamente ligado à religião e ao direito, ela ocupa-se de normas que regem ou devem reger as relações de cada indivíduo com os outros e dos valores que cada indivíduo deve realizar no seu comportamento. Ao contrário das normas legais, as da ética não são no entanto impostas por uma repressão manifesta ou oculta, não são sustentadas por um poder, mas quando muito por uma autoridade, que não pode deixar de fazer apelo para um sentimento de responsabilidade em face de algo que está para além do individual: um deus, a sociedade ou a humanidade considerada como um todo* (Kolakowski 1997, p. 339).

Neste contexto, Saramago resume a discussão do conceito de ética da seguinte forma:

*Se decidíssemos aplicar uma velha frase da sabedoria popular, provavelmente resolveríamos todas as questões deste mundo: «Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti». Que pode ser dito de maneira mais positiva: «Faz aos outros o que quiseres que te façam a ti». Creio que todas as éticas do mundo, todos os tratados de moral e comportamento se contêm nestas frases* (Saramago 1995 apud Aguilera 2010, p. 119).

E Aguilera fala de como via o proceder de Saramago como escritor:

*Em torno de uma ética da responsabilidade e do respeito, o escritor construiu o seu sistema de convicções e reivindicações, reclamando códigos de boa conduta que iluminassem o comportamento pessoal e moderassem as relações, o poder e a economia. O propósito último traduzia-se em humanizar a vida, um fim para que contribuiria substancialmente a regra maior a que Saramago reduzia o seu padrão moral, com intencional elementaridade comunicativa: não se comportar com os outros como não gostaríamos que os outros se comportassem conosco, isto é, evitar a agressão, a dor, o mal ao outro (Aguilera 2010, p. 115).*

Desta forma, Saramago faz uso de seus romances para alertar seus leitores sobre questões éticas. «Apercebi-me, nestes últimos anos, de que estou à procura de uma formulação da ética: quero expressar, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero expressá-lo literariamente» (Saramago 1996 apud Aguilera 2010, p. 119). A discussão desse «sentimento ético da existência» está presente em alguns de seus romances e os leitores de Saramago têm em suas mãos ferramentas para os auxiliarem nas reflexões sobre ética, como se apresenta a seguir.

Atento ao processo de globalização da Sociedade da Informação, Saramago escreve o romance *A Caverna*. O romance é uma metáfora da vida em que todos os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. É um romance que também fala de mudanças e de como elas são percebidas e assimiladas pelo ser humano.

*O romance A Caverna faz com que os leitores tomem consciência da realidade de uma caverna moderna, um lugar sem correntes, mas onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado... Uma realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia, nos negócios e nas multinacionais, os novos donos do mundo. Assim, o mais descartável que existe na atualidade é o ser humano (Sá 2025, p. 75).*

No romance *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), a cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem que procura se manter racional. Nesse cenário, não é fácil manter a racionalidade, ou seja, a «responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam» (Saramago 1995, p. 241). No entanto, a mulher do médico, a única que não cega, procura a racionalidade. Ela sente o peso e a dor da responsabilidade de se manter forte e ética num mundo corroído pelo pior, ou pelo horror,

como ela diz. Avaliar, o tempo todo, o que é certo e o que é errado na relação com os outros não é simples e dá trabalho. Uma personagem alerta que «O medo cega» e outro cego complementa: «São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos» (Saramago 1995, p. 131). É a denúncia da sociedade hipócrita que tem medo dos poderosos e, portanto, cala para não perder benefícios e privilégios. Assim, Saramago faz a personagem do médico proclamar: «Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem» (Saramago 1995, p. 310). É a denúncia de uma sociedade sem ética, que não quer ver a realidade, que não tem força para realizar mudanças que favoreçam os que realmente necessitam.

No romance *O Homem Duplicado*, Saramago faz com que a personagem Tertuliano Máximo Afonso proclame «as coisas da vontade nunca são simples, o que é simples é a indecisão, a incerteza, a irresolução» (Saramago 2002, p. 32). Agir custa e agir com ética custa ainda mais, pois pode significar uma perda pessoal de forma a se obter um ganho para a sociedade. A personagem Maria da Paz exclama: «Todos os dicionários juntos não contêm nem metade dos termos de que precisaríamos para nos entendermos uns aos outros» (Saramago 2002, p. 125). Através destas passagens, Saramago convida os seus leitores a analisar e considerar a convivência e o estabelecimento de diálogos com os seus semelhantes, de forma a formar-se uma sociedade mais igualitária e justa.

No romance *Ensaio Sobre a Lucidez* (2014), a sociedade não se absteve de votar, ela votou e disse que as propostas apresentadas não serviam, não atendiam às necessidades daquela comunidade. O romance descreve as ações do poder acima de qualquer direito humano. A personagem do comissário faz uma volta ao passado e relembra a época em que todos eram cegos e acaba por concluir: «Mas não é só quando não temos olhos que não sabemos aonde vamos» (Saramago 2014, p. 306). Há muita gente que vê, mas não sabe aonde vai e acata todo o tipo de manipulação. Ele ainda diz à personagem da mulher do médico: «os que mandam não só não se detêm diante do que nós chamamos absurdos, como se servem deles para entorpecer as consciências e aniquilar a razão» (Saramago 2014, p. 317), sinalizando que o poder não conhece a ética e procurando alertar a mulher do médico para algo trágico. O ex-presidente da Câmara Municipal fala a um jornalista: «Sempre chega a hora em que descobrimos que sabíamos muito mais do que antes julgávamos» (Saramago 2014, p. 155) e ainda, «o desconcerto moral [...] é o primeiro passo no caminho que leva à inquietação, daí para diante, [...] tudo pode acontecer» (Saramago 2014, p. 155). Portanto, esse executivo dá sinais de lucidez sobre a aplicação da ética na sociedade.

Assim, percebe-se que Saramago, sempre cético quanto à humanidade, não tem esperanças quanto ao agir do ser humano. O cão já não uiva, pois foi morto, e a mulher do médico é assassinada no final do romance, confirmando a descrença de Saramago quanto à humanidade.



### 3. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

O campo dos estudos da Organização do Conhecimento engloba a ordenação, estruturação e sistematização dos conceitos, de acordo com suas características (elementos de herança do objeto), e a aplicação desses conceitos em classes ordenadas por seus valores (conteúdos dos objetos ou assuntos) (Dahlberg 1978).

Em sua definição de Organização do Conhecimento (OC), Hjørland (2008) discorre sobre o significado restrito e o significado amplo da OC. Em seu sentido restrito, a OC estuda os Sistemas de Organização do Conhecimento e os Processos de Organização do Conhecimento, usados principalmente para representar e organizar documentos e conceitos. Mas, em seu sentido amplo, Hjørland considera a OC como a disciplina que estuda «a divisão social do trabalho mental», ou melhor, «como o conhecimento é socialmente organizado e como a realidade é organizada» (Hjørland 2008, p. 86).

Langridge (1977), em sua obra *Classificação: abordagem para estudantes de Biblioteconomia*, apresenta e discute questões fundamentais sobre a atividade de classificação em bibliotecas. No Prólogo «Um dia na vida, de todo homem e sua esposa» e na primeira parte «Classificação em geral» é mostrado o quanto se lida com classificação no dia a dia, de forma consciente ou inconsciente. Assim, é demonstrado que classificação e organização são processos fundamentais da natureza humana. Como exemplo, a forma como se organizam as roupas, os sapatos e os complementos, seja em armários, gavetas ou cabides, deve obedecer à regra «o que vai com o que». Da mesma forma, pode-se falar dos afazeres ao acordar pela manhã. Sempre há uma ordem nas atividades que se executam ao acordar ou ao deitar-se, ou em qualquer processo do dia a dia.

Portanto, a Organização do Conhecimento faz parte do dia a dia dos seres humanos. Souza oferece um roteiro, constituído por questões, a serem respondidas na Organização do Conhecimento:

*Evidentemente que há diferenças estruturais e contextuais fundamentais entre o ambiente tradicional e o ambiente eletrônico de sistemas de informação que afetam o processo de tratamento da informação em função de recuperação para fins específicos nestes dois ambientes. Essas diferenças, no entanto, permanecem tendo como referenciais fundamentais: os Documentos e os Usuários ou seja: O QUE em termos de informação e PARA QUEM. Considerando o foco específico da organização do conhecimento continuam como válidos os parâmetros essenciais envolvidos: Natureza da Informação (o que) Recuperação de Informação (para que) Tratamento e Processamento da Informação (como) O Papel Social da Informação (contexto de uso) (Souza 2007, p. 117).*



Neste sentido, é possível observar que a OC está presente no cotidiano de cada ser humano e, consequentemente, no ato de escrever. De forma similar a Souza, Saramago alertava que: «São essas as três perguntas básicas e, efectivamente, uma pessoa pode aceitar um conjunto de regras e acatá-las disciplinadamente, mas tem de manter a liberdade de perguntar: Por quê? Para quê? Para quem?» (Saramago 2003 apud Aguilera 2010, p. 387).

Portanto, é natural que ao escrever um livro, o autor se faça essas perguntas e organize o seu texto de acordo com a organização de seu conhecimento sobre a história que pretende relatar.

Além da frase de Saramago: «O caos é uma ordem por decifrar» (Saramago 2002, p. 103), a investigação se embasou na discussão de Japiassu sobre a transdisciplinaridade. Japiassu discorre sobre os dois principais desafios que é necessário enfrentar de forma a integrar a desordem, o incerto, o inesperado e o acaso no conhecimento do real, de forma a religar os saberes dispersos sem fundi-los numa «hipotética síntese global» (Japiassu 2006, p. 16):

*O desafio da globalidade, lançado pela inadequação agravada entre, de um lado, um saber fragmentado e compartimentado das diferentes disciplinas do saber e, do outro, as realidades multidimensionais, globais e transnacionais com as quais nos defrontamos.*

*O desafio do crescimento ininterrupto e galopante dos saberes tornando cada vez mais difícil a organização de nossos conhecimentos em torno dos problemas fundamentais da existência* (Japiassu 2006, pp. 16-17).

Assim, intui-se que a ordem/Organização do Conhecimento pode e deve também estar presente na literatura. O desafio é identificá-la. Japiassu ainda ressalta que:

*A especialização stricto sensu nasce apenas no século XIX da aceleração galopante dos conhecimentos e da sofisticação crescente das novas tecnologias. [...] As disciplinas se tornam fechadas e estanques [...] algumas disciplinas chegam a ser organizadas tendo em vista a defesa dos interesses de um ou outro grupo de especialistas empenhado em perenizá-las o máximo possível. [...] se tivermos que nos especializar para aprender, devemos nos abrir para compreender! Precisamos utilizar o máximo de nossa engenhosidade (Ingenium) para religar, fazer convergir, contextualizar, representar os vínculos e as interações do que percebemos ou conhecemos* (Japiassu 2006, pp. 21-25).

Neste contexto, foram identificados alguns textos de Saramago em que a Organização do Conhecimento está explícita.

### 3.1. O Conto da Ilha Desconhecida

Em *O Conto da Ilha Desconhecida*, em que um homem vai bater à porta do rei para pedir-lhe um barco para procurar a ilha desconhecida, não havia uma única porta, mas várias organizadas de acordo com as necessidades dos súditos.

*A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), [...] dava ordem ao primeiro secretário para ir saber o que queria o impetrante que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei (Saramago 1998, pp. 5-6).*

Também, o processo de atendimento era realizado obedecendo à hierarquia dos funcionários do palácio.

*o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado seria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré (Saramago 1998, pp. 6-9).*

Verifica-se a organização pelas necessidades dos súditos, assim como percebe-se de que forma, ou seja, como era tratada a petição.

### 3.2. Todos os Nomes

No romance *Todos os Nomes*, no qual é descrita a história de um funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais que resolve pesquisar sobre um nome e, obstinadamente, busca informações sobre essa pessoa, Saramago relata a organização da Conservatória, explorando a disposição dos documentos de que é depositária, assim como a hierarquia do funcionamento dela.

*A disposição dos lugares na sala acata naturalmente as precedências hierárquicas, mas sendo, como se esperaria, harmoniosa deste ponto de vista, também o é do ponto de vista geométrico, o que serve para provar que não existe nenhuma insanável contradição entre estética e autoridade. A primeira linha de mesas, paralela ao balcão, é ocupada pelos oito auxiliares de escrita a quem compete atender ao público. Atrás dela, igualmente centrada em relação ao eixo mediano que, partindo da porta, se perde lá no fundo, nos confins escuros do edifício, há uma linha de quatro mesas. Estas pertencem aos oficiais. A seguir a eles vêem-se os subchefes, e estes são dois. Finalmente, isolado, sozinho, como tinha de ser, o conservador, a quem chamam chefe no trato quotidiano (Saramago 1997, p. 12).*

*A distribuição das tarefas pelo conjunto dos funcionários satisfaz uma regra simples, a de que os elementos de cada categoria têm o dever de executar todo o trabalho que lhes seja possível, de modo a que só uma mínima parte dele tenha de passar à categoria seguinte (Saramago 1997, p. 12).*

Nestes textos fica evidenciada a organização do atendimento ao público usuário da conservatória, segundo o conhecimento dos funcionários.

*os arquivos e os ficheiros. Estão divididos, estrutural e basicamente, ou, se quisermos usar palavras simples, obedecendo à lei da natureza, em duas grandes áreas, a dos arquivos e ficheiros de mortos e a dos ficheiros e arquivos de vivos. Os papéis daqueles que já não vivem encontram-se mais ou menos arrumados na parte traseira do edifício, cuja parede de fundo, de tempos a tempos, em consequência do aumento imparável do número de defuntos, tem de ser deitada abaixo e novamente levantada uns metros adiante (Saramago 1997, p. 13).*

*A desorganização dessa parte do arquivo [dos mortos] é motivada e agravada pelo facto de serem precisamente os falecidos mais antigos os que mais próximo estão da área denominada activa, logo a seguir aos vivos, constituindo, segundo a inteligente definição do chefe da Conservatória Geral, um peso duas vezes morto, dado que é raríssimo preocupar-se alguém com eles (Saramago 1997, p. 14).*

*um dos subchefes, em hora infeliz, teve a lembrança de propor que a arrumação do arquivo dos mortos passasse a ser feita ao contrário, mais para lá ao remotos, mais para cá os de fresca data, em ordem a facilitar, burocráticas palavras suas, o acesso aos defuntos contemporâneos, que, como se sabe, são os autores de testamentos, os provedores de heranças [...] Sarcástico, o conservador aprovou a ideia, sob condição de ser o próprio proponente o encarregado de empurrar para*

*o fundo, dia após dia, a massa gigantesca dos processos individuais dos mortos pretéritos, a fim de poderem ir entrando no espaço assim recuperado os de recente defunção* (Saramago 1997, pp. 14-15).

*Não passa um dia sem que os auxiliares de escrita tenham de retirar processos das prateleiras dos vivos para os levar ao depósito do fundo, não passa um dia em que não tenham de empurrar na direção do topo das estantes os que permanecem, ainda que às vezes, por capricho irónico do enigmático destino, só até ao dia seguinte* (Saramago 1997, p. 16).

Nos textos acima, é descrito como é feita a organização dos documentos relativos aos registros da vida dos cidadãos. É feita uma crítica quanto à organização dos documentos dos cidadãos falecidos, já que os registros mais antigos se encontram perto dos arquivos relativos aos dos vivos. É fato que quanto mais tempo um cidadão tiver de falecido, menor será a probabilidade de alguém pesquisar seu registro.

Também, o funcionário Sr. José tem uma coleção de documentos, organizada pela característica de fama do cidadão e é relatado o constante trabalho na reorganização da coleção.

*Considerada na sua globalidade, a colecção do Sr. José excedia em muito a centena [...] A este modo de entender o carácter relativo da fama não assentaria mal, cremos, o qualificativo de dinâmico, posto que a colecção do Sr. José, necessariamente dividida em duas partes, isto é, de um lado os cem mais famosos, do outro os que não conseguiram tanto, está em constante movimento naquela área a que convencionámos chamar de fronteira. A fama, aí de nós, é um ar que tanto vem como vai [...] compreende-se que também nela haja gloriosas subidas e dramáticas descidas, um que saiu do grupo de suplentes e entrou no grupo dos efectivos, outro que já não cabia na garrafa e teve de ser deitado fora. A colecção do Sr. José parece-se muito com a vida* (Saramago 1997, pp. 29-30).

Desta forma, os textos identificados exemplificam como a Organização do Conhecimento está devidamente presente no romance *Todos os Nomes*.

### **3.3. O Evangelho segundo Jesus Cristo**

Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, no qual a ordem do conhecimento sobre o Jesus histórico perpassa todo o romance, vale ressaltar a conversa de Deus e Jesus quando, por ordem alfabética, Deus enumera os martírios daqueles que morrerão por sua causa.

*por ordem alfabética para evitar melindres de precedências, Adalberto de Praga, morto com um espontão de sete pontas, Adriano, morto a martelada sobre uma bigorna, Afra de Ausburgo, morta na fogueira, Agapito de Preneste, morto na fogueira, pendurado pelos pés [...] Barnabé de Chipre, morto por lapidação e queimado [...] Catarina de Alexandria, morta por decapitação [...] Donato de Arezzo, decapitado, Elífo de Rampillon, cortaram-lhe a calote craniana [...] Frutuoso de Terragona, queimado, Gaudêncio de França, decapitado [...] Perpétua e Felicidade de Cartago, a Felicidade era escrava de Perpétua, escorneadas por uma vaca furiosa [...] Sebastião, flechas [...] Tirso, serrado [...] Vitória de Roma, morta depois de ter a língua arrancada (Saramago 2010, pp. 381-385).*

Neste caso, tem-se uma organização em ordem alfabética, de modo a eticamente não se considerar o martírio de um santo, ou o próprio santo, maior, ou mais importante, do que os subsequentes.

### **3.4. Memorial do Convento**

No romance *Memorial do Convento* os trabalhadores na construção do convento são citados por ordem alfabética — «uma letra de cada um para ficarem todos representados» (Saramago 2011, p. 231).

*tudo quanto é nome de homem vai aqui, tudo quanto é vida também, sobretudo se atribulada, principalmente se miserável, já que não podemos falar-lhes das vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais, pois aí ficam, se de nós depende, Alcino, Brás, Cristóvão, Daniel, Egas, Firmino, Geraldo, Horácio, Isidro, Juvino, Luís, Marcolino, Nicanor, Onofre, Paulo, Quitério, Rufino, Sebastião, Tadeu, Ubaldio, Valério, Xavier, Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados (Saramago 2011, p. 233).*

Percebe-se um cuidado especial quanto à ordem de enumeração, alfabética, de forma a evitar demonstração de preferências e a impedir alguma omissão. Não será isso ética?

## **CONCLUSÕES**

Voltando ao objetivo da pesquisa, conclui-se que a referida obra está repleta de textos que fazem uso e explicitam a Organização do Conhecimento, assim como de evidências de ética e de ética na Organização do Conhecimento.

Em sua obra literária, Saramago faz a análise das transformações por que passa a humanidade na era da Informação. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, os seres humanos

perdem a visão numa alegoria em que a sociedade parece estar cega e não percebe os desconcertos do mundo. Em *Todos os Nomes*, tem-se um homem, cuja vida solitária ganha sentido na busca por uma mulher já falecida. Em *A Caverna*, a família de oleiros perde sua função na sociedade de consumo, mas não perde a esperança. Em *O Homem Duplicado* há a perda da identidade, numa sociedade informatizada, que vai perdendo suas singularidades e cultura para um padrão global. No *Ensaio sobre a Lucidez*, tem-se que o poder sempre triunfa, ainda que o povo grite e conteste.

Neste contexto, Saramago proferiu: «não tenho medo daquilo que digo nem daquilo que penso, e que digo aquilo que penso sejam quais forem as circunstâncias em que tenha que dizer, se realmente tenho de o expressar. Sou uma pessoa que se preocupa com os gravíssimos problemas deste mundo, que intervém sempre que pode, que ajuda sempre que pode» (Saramago apud Mendes 2012, pp. 117-118).

Portanto, os romances de Saramago refletem o pensamento do autor, trazendo o debate sobre a ética na sociedade contemporânea, permeada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação.

No entanto, segundo Silva e Paletta,

*ética é uma característica inerente a toda ação humana e, por esta razão, é um elemento vital na produção da realidade social. Todo homem possui um senso ético, uma espécie de «consciência moral», estando constantemente avaliando e julgando suas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas* (Silva e Paletta 2019, p. 257).

Assim, «A ética está relacionada à opção, ao desejo de realizar a vida, de manter relações justas e aceitáveis» (Silva e Paletta 2019, p. 257). O problema é que nem todos os seres humanos têm esse entendimento ou fazem a opção correta.

Este trabalho não pretende ser conclusivo. A investigação deve continuar, de forma a identificar outros textos de Saramago em que é possível perceber a Organização do Conhecimento e a prática da ética.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Fernando Gómez, 2010. *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide: Caminho.
- DAHLBERG, Ingetraut, 1978. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*. 7(2), 101-107.
- DUPAS, Gilberto, 2011. *Ética e poder na Sociedade da Informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Unesp.
- FREIRE, Isa, 2010. Reflexões sobre uma ética da informação na sociedade em rede. *Ponto de Acesso* [Em linha]. 4(3), 113-133 [consult. 2025-07-19]. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4518/3567>.
- HJØRLAND, Birger, 2008. What is Knowledge Organization (KO)? *Knowledge Organization*, Würzburg. 35(2/3), 86-105.

- JAPIASSU, Hilton, 2006. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago.
- KOLAKOWSKI, Leszek, 1997. Ética: conceito, filosofia/filosofias. Em: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 37, pp. 300-339.
- LANGRIDGE, Derek, 1977. *Classificação: abordagem para estudantes de Biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Interciência.
- MENDES, Miguel Gonçalves, 2012. *José e Pilar: conversas inéditas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NOVAES, Adauto, 2007. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SÁ, Maria Irene da Fonseca e, 2025. *Saramago visto por uma leitora singular*. Rio de Janeiro: E-papers.
- SÁ, Maria Irene da Fonseca e, 2013. *Bibliotecas digitais: uma investigação sobre características e experiências de desenvolvimento*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.
- SARAMAGO, José, 2014. *Ensaio sobre a Lucidez*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Porto Editora.
- SARAMAGO, José, 2011. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SARAMAGO, José, 2002. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, José, 2000. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, José, 1998. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, José, 1997. *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, José., 1995. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, José, 1991. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Armando Malheiro da, e Francisco Carlos PALETTA, 2019. *Ciência da Informação: Estudos de Epistemologia e de Ética*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CIC.Digital.
- SILVA, Armando Malheiro da, 2010. A pesquisa e suas aplicações em Ciência da Informação: implicações éticas. Em: Gustavo Henrique de Araújo FREIRE, org. *Primeiro Simpósio Brasileiro de Ética da Informação. Ética da Informação: conceitos, abordagens, aplicações* [Em linha]. João Pessoa: Ideia, pp. 106-125 [consult. 2025-07-19]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26301/2/armandomalheiropesquisa000107223.pdf>.
- SOUZA, Rosali Fernandez de, 2007. Organização do conhecimento. Em: Lídia Maria Batista Brandão TOUTAIN, org. *Para entender a ciência da informação* [Em linha]. Salvador: EDUFBA [consult. 2025-07-19]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>.